

## **Dr. Dave Mathewson, Hermenêutica, Aula 20, Apocalíptico**

**© 2024 Dave Mathewson e Ted Hildebrandt**

Outra característica da interpretação e leitura da literatura ou cartas epistolares do Novo Testamento é perceber que a possibilidade de dentro da categoria mais ampla de carta ou epístola no primeiro século, mas especialmente no Novo Testamento, é a possibilidade de reconhecer subtipos da mesma forma que mesmo em nossos dias, na categoria mais ampla de uma carta, poderíamos ter uma carta que alguém escreveria para um membro da família seria muito diferente de uma carta de reclamação que alguém poderia escrever para uma empresa ou uma carta, uma carta de apresentação para um pedido de emprego. Assim, no primeiro século também parece haver vários subtipos de cartas que também podem corresponder a certas cartas do Novo Testamento. Por exemplo, apenas para dar alguns exemplos, o Livro de Filemom ou a Carta a Filemom, a carta mais curta escrita por Paulo, parece corresponder bastante de perto a um possível subtipo de carta conhecido como carta de recomendação ou carta de recomendação. introdução.

E geralmente o que isso implicava era que o autor, o escritor, apresentaria ou recomendaria uma determinada pessoa a outra pessoa, muitas vezes pedindo um favor e incluindo, pretendendo então, ou prometendo, de alguma forma, retribuir o favor ao destinatário. Ou seja, quando se lê a Carta a Filemom, é Filemom ou Paulo que apresenta Onésimo, o outro personagem principal, o autor é Paulo, mas Filemom é o destinatário principal. Paulo apresenta Onésimo a Filemom porque Onésimo, enquanto escravo de Filemom que havia fugido, agora se tornou cristão e foi convertido através do ministério de Paulo.

Agora Paulo escreve uma carta de recomendação ou apresentação para mandá-lo de volta e apresentá-lo a Filemom, o destinatário, e também pede um favor a Filemom, prometendo então fazer algo por Filemom. Portanto, é quase como se Filemom, ao

ler esta carta, reconhecesse a sua obrigação de responder da forma que Paulo pediu. Ou, por exemplo, o Livro de Filipenses tem sido frequentemente rotulado como uma carta de família, correspondente, tendo certas seções que correspondem ao que é conhecido como carta de família, e parte da linguagem talvez reflita isso.

Algumas cartas podem corresponder ao que é conhecido como testamento, que não era tanto uma carta no primeiro século, mas sim um gênero literário real que é um testamento, era uma espécie de últimas palavras de um herói moribundo, como uma pessoa estava em seu leito de morte e tinha sua família e amigos ao seu redor. Foram as instruções finais para os seguidores quando a pessoa estava prestes a morrer, o que incluía tanto exortação quanto, às vezes, previsão escatológica. Você encontra pelo menos dois livros que parecem corresponder possivelmente a um testamento, e um deles é 2 Pedro capítulo 1 e os versículos 14 e 15 parecem refletir a linguagem de um testamento, ou seja, Pedro em seu leito de morte, em certo sentido.

Agora, estas são suas instruções finais, pois ele está prestes a deixar esta vida. Estas são as instruções finais aos seus seguidores, começando com o versículo 13. Vou voltar atrás.

Este é o capítulo 1, 2 Pedro versículo 13. Acho que é certo refrescar sua memória enquanto eu viver na tenda deste corpo, porque sei que em breve deixarei isso de lado, como nosso Senhor Jesus Cristo deixou claro para mim, e faço todos os esforços para que depois da minha partida você sempre seja capaz de se lembrar dessas coisas. E você também encontra linguagem semelhante em 2 Timóteo, de modo que ambas as cartas, 2 Pedro e 2 Timóteo, podem assumir a forma de um testamento em forma epistolar, ou seja, as instruções finais para os seguidores desses indivíduos logo antes de morrerem. .

Em 2 Timóteo, Paulo está falando uma espécie de suas palavras finais enquanto enfrenta a execução, e ambas podem ser classificadas como cartas testamentárias, as instruções finais de um herói moribundo ou as instruções finais de Paulo e Pedro aos seus seguidores. logo antes de saírem do local. Uma questão relacionada à literatura epistolar é como entendemos a autoria. Só muito brevemente, como uma espécie de digressão, mas relacionada a questões de gênero, porque curiosamente falamos apenas de testamentos.

A maioria dos testamentos que temos em cópias, ou me referi anteriormente a um livro de James Charlesworth, os Pseudepígrafos do Antigo Testamento, nesses volumes você pode encontrar referências a vários testamentos, traduções para o inglês de vários tipos de literatura testamentária. . A maioria deles são conhecidos como pseudônimos, ou seja, estão escritos em nome de outra pessoa. É uma figura posterior escrita em nome ou como se uma figura anterior estivesse escrevendo muito depois de sua morte.

E alguns, portanto, sugeriram que algumas das cartas do Novo Testamento também podem ser pseudônimas. É possível que algumas cartas do Novo Testamento, como 2 Pedro ou 2 Timóteo, tenham sido escritas com um pseudônimo? Isto é, depois da morte de Paulo e Pedro, alguém, um de seus seguidores, poderia pegar uma caneta e escrever uma carta em seu nome? E portanto, ninguém teria se enganado com isso, ninguém teria se enganado pensando que Pedro ou Paulo realmente escreveram isso, mas teriam reconhecido com base no gênero literário que outra pessoa estava escrevendo em seu nome. A questão é se este era um artifício aceitável, não apenas no primeiro século, mas teria sido um artifício aceitável entre os autores do Novo Testamento? E teria sido este um dispositivo aceitável dentro dos parâmetros do cânon do Novo Testamento? Penso, em primeiro lugar, que provavelmente podem ser apresentados bons argumentos a favor da autoria de todas as cartas da pessoa citada, embora eu admita que 2 Pedro é muito mais difícil, e até mesmo alguns

estudiosos cristãos ou evangélicos reconheceram a dificuldade, embora enquanto mantendo Peter como o autor da carta.

Mas em segundo lugar, não está claro para mim se o pseudonimato teria sido um dispositivo canônico aceitável, isto é, teria sido um dispositivo aceitável reconhecido entre os autores do Novo Testamento, especialmente enquanto o cânon estava sendo reconhecido e formado, que aquelas cartas que teriam Se o pseudônimo fosse, não está claro se eles teriam sido aceitos e se isso teria sido um dispositivo aceitável. Mas, por outro lado, mesmo que rejeitemos o pseudonimato, isto é, escrever em nome de outra pessoa, novamente, muito depois da morte do verdadeiro autor, um seguidor ou discípulo teria pegado a caneta e escrito em nome dessa pessoa, mesmo que rejeitemos que, como já vimos, não seja necessário sustentar que os autores escreveram fisicamente cada palavra encontrada no Emanuelis . E isso às vezes poderia explicar talvez a diferença entre as letras.

Algumas pessoas acham que Pedro não poderia ter escrito 2 Pedro porque a teologia é diferente, a linguagem e o estilo são muito diferentes. Alguns sugeriram que isso poderia ser explicado utilizando um Emanuelis diferente , ou às vezes um Emanuelis , isto é, um escriba ou secretário para quem você dita uma carta. Às vezes, alguns deles podem ter recebido um pouco mais de liberdade, de modo que talvez tivessem composto grande parte da carta, mas o autor ainda assim teria assinado a carta.

Então, novamente, o que está escrito é exatamente o que Paulo ou Pedro ou quem quer que fosse que quisesse que fosse escrito e teria assinado e concordado em comunicar com precisão o que eles queriam comunicar. Vimos isso no capítulo 16 de Romanos e no versículo 22, onde Tércio é mencionado como o autor ou provavelmente o escriba ou o Emanuelis , que realmente escreveu a carta.

Encontramos algo muito interessante em algumas cartas de Paulo, um exemplo em

Gálatas no último capítulo, capítulo 5, sinto muito, capítulo 6. E observe o que Paulo diz, vou começar, começarei a ler com o capítulo 6 por volta do versículo 11.

Ele diz, veja que letras grandes eu uso quando escrevo para você com meu próprio punho. É possível que isso se refira à carta inteira, mas será possível que isso reflita algo que você às vezes vê em outras cartas antigas? E isso acontece no final da carta, quando um autor dita a carta a um escriba ou Emanuense, o autor muitas vezes pega a caneta e a assina em seu próprio nome ou produz a saudação em seu próprio nome. Então é possível que Gálatas, quando você chega ao capítulo 6 e versículo 11, agora o próprio Paulo pega a caneta e escreve a saudação final e termina a carta? Assim, a literatura epistolar foi produzida de diversas maneiras, principalmente utilizando um Emanuense ou escriba ou algo parecido, o que às vezes pode explicar algumas das diferenças encontradas na carta.

Mas prosseguirei com a suposição de que as cartas do Novo Testamento foram produzidas pelas pessoas, foram escritas pelas pessoas cujos nomes elas trazem nas introduções das cartas. Uma outra característica a ser mencionada antes de examinarmos apenas alguns princípios para a interpretação da literatura epistolar é que já expressei minhas cautelas e dúvidas sobre abordagens retóricas, ou seja, identificar cartas, especialmente as cartas de Paulo, como exemplos de discursos retóricos, discursos deliberativos, ou discursos judiciais, ou discursos epidícticos. Não que não existam algumas semelhanças e não que não possa haver algum valor em comparar a função delas com certas seções das cartas de Paulo, não que Paulo nunca use argumentação retórica ou coisas assim, mas parece-me que é, penso eu, é questionável pegar discursos retóricos do primeiro século e impô-los às cartas do Novo Testamento.

Em vez disso, novamente, quando você olha para as características formais das cartas, quando você olha para as pistas que o autor deixa para si mesmo, parece que

os autores do Novo Testamento estão escrevendo nada menos, por mais diferente que seja, eles estão escrevendo nada menos do que um texto típico. carta do primeiro século, com a introdução ou saudação, o agradecimento, o corpo, a conclusão e as saudações, e usando artifícios típicos que indicam que é isso mesmo que estão fazendo. Portanto, não repetirei minha discussão ou argumentos a favor de Paulo escrever principalmente cartas do primeiro século e não discursos retóricos. Deixe-me terminar reunindo tudo isso e destacando apenas alguns princípios ou diretrizes para a leitura e interpretação das cartas do primeiro século que surgem do tipo de literatura que é.

Em primeiro lugar, é importante na interpretação das cartas do primeiro século reconstruir o cenário histórico e a ocasião. Já mencionamos que as cartas do Novo Testamento são respostas altamente ocasionais a problemas e questões específicas da igreja primitiva. Portanto, com base na própria carta e em qualquer informação que possamos reunir sobre a situação do primeiro século, é importante tentar reconstruir o que provavelmente foi o problema ou questão ou situação que Paulo está abordando, ou Pedro está abordando, ou Tiago está abordando, e então como a carta é vista como uma resposta a isso?

Em segundo lugar, penso que também é importante seguir o argumento da carta para observar como o pensamento se desenvolve. Novamente, ainda mais a narrativa está perguntando como as sentenças e orações, como é que, tanto no nível da sentença quanto no nível do versículo, mas também no nível do parágrafo, para ser capaz de explicar como o argumento se desenvolve, para ser capaz de traçar o argumento da carta de seção para seção. Por exemplo, só para dar um exemplo muito rápido, um texto ao qual retornaremos mais tarde, mas no final deste curso, mas em Romanos capítulo 6 e versículos 1 a 11, encontramos um bom exemplo de como é importante traçar o argumento do texto.

Em primeiro lugar, o capítulo 6 de Romanos começa com um formato típico de perguntas e respostas que Paulo segue. Há mais a ser dito sobre isso que diremos mais tarde, mas frequentemente Paulo levanta uma questão que parece ser uma objeção potencial a algo que ele acabou de dizer, e então ele responde a essa pergunta. Então observe o capítulo 6 versículo 1, o que devemos dizer então? Continuaremos pecando para que a graça aumente? Essa é a questão que ele levanta.

A primeira coisa a notar então é que é baseado em algo que Paulo disse anteriormente, e esta é provavelmente apenas uma forma de Paulo talvez antecipar possíveis objeções que os leitores possam ter, não necessariamente objeções reais que possam ter sido expressas, embora pudesse, mas é provavelmente apenas uma forma de levantar possíveis objeções que alguém possa ter, especialmente os seus leitores, mas usando-a também para avançar o seu próprio argumento. Então, se você olhar para o capítulo 6, esta questão, continuaremos pecando para que a graça possa aumentar, provavelmente surge de algo que ele disse no capítulo 5, nos versículos 20 e 21, os dois últimos capítulos. Ele diz, a lei foi acrescentada, este é o capítulo 5 de Romanos versículo 20, a lei foi acrescentada para que a transgressão pudesse aumentar, mas onde abundou o pecado, a graça aumentou ainda mais, de modo que assim como o pecado reinou na morte, assim também a graça possa reinar pela justiça para trazer a vida eterna por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor.

Então, uma possível objeção ou possível questão que poderia ser levantada, bem, se 20 for verdade, se onde o pecado aumenta, a graça aumenta ainda mais, devo pecar mais para que a graça possa aumentar ainda mais? E é precisamente essa a questão que Paulo levanta: continuaremos pecando para que a graça aumente? O restante dos versículos, o restante deste capítulo, versículos 2 a 11, pode ser visto como uma resposta a essa pergunta, como a resposta. Não, na verdade, a resposta vem em duas formas, uma espécie de desabafo inicial, de forma alguma, talvez nunca seja,

seguida mais por uma explicação lógica. Não podemos continuar pecando porque estamos unidos a Cristo que morreu para o pecado.

Morremos para o pecado porque estamos unidos a Cristo, que morreu para o pecado e que nos ressuscitou para vivermos em novidade de vida. Isso torna essa pergunta absurda. Então é importante ser capaz de rastrear o argumento, entender como o argumento flui e como ele se encaixa.

Falaremos mais sobre isso quando examinarmos questões de contexto literário mais tarde, em uma sessão subsequente. Portanto, é importante ser capaz de acompanhar o argumento, traçar o argumento, não apenas resumir o conteúdo, mas realmente ser capaz de explicar como ele se desenvolve e como o autor desenvolve o seu argumento e o seu ponto de vista. Um terceiro, um terceiro princípio importante na interpretação da literatura epistolar é reconhecer, novamente, com qual seção você está lidando.

Você está lidando, se está interpretando um texto, você está lidando com um texto que faz parte de uma ação de graças ou parte do corpo, parte da seção de exortação, e que diferença isso pode fazer na maneira como você o lê. Novamente, principalmente se o autor expandiu algo e está fazendo algo único. E então, quarto, veja se sua carta talvez pertença a um subgênero, como Filemom, talvez pertencente a um gênero, subgênero conhecido como carta de recomendação, e se isso pode fazer diferença na maneira como você interpreta a epístola. .

O terceiro gênero literário, ou na verdade eu diria o terceiro, talvez melhor, o terceiro livro que representa pelo menos dois ou três gêneros no Novo Testamento é o Livro do Apocalipse. O Livro do Apocalipse parece ser identificável, embora eu não esteja convencido de que os primeiros leitores teriam separado claramente entre todos os três, mas três tipos literários que parecem emergir do texto do Apocalipse

são o que é conhecido como Apocalipse e Profecia e uma Carta. O próprio autor, como veremos, identifica claramente sua obra como uma profecia, e na verdade ela começa e termina exatamente como uma das cartas de Paulo, e também se encaixa, parece ter traços característicos, especialmente nos capítulos 4 a 22, parece ter traços característicos de uma escrita antiga que chamamos de Apocalipse.

Veremos isso em um momento. A dificuldade está em pelo menos um deles: não existe uma analogia precisa em nosso mundo moderno. Em outras palavras, conhecemos cartas, escrevemos e lemos cartas, mas quando foi a última vez que você sentou e leu um Apocalipse? Ou quando foi a última vez que você sentou e escreveu um Apocalipse para alguém? Portanto, a crítica de gênero ou a compreensão do gênero literário é muito importante aqui e nos ajuda, especialmente neste livro, a evitar mal-entendidos.

Como dissemos, o gênero literário funciona principalmente como uma espécie de ponto de entrada no gênero para nos fazer começar com o pé direito, para começarmos bem a interpretação do livro, embora não resolva todas as questões interpretativas, dificuldades que ainda temos que acompanhar internamente, como o livro se desenvolve e se desenrola, sua espécie de gênero interno próprio. Mas geralmente os mal-entendidos do Livro do Apocalipse surgem pela falha em observar esses três gêneros de Apocalipse, Profecia e Carta, e pela falha em reconhecê-los ou por entender mal o que eles são. Muitas vezes, a falha em entender todos os três e que tipo de livro é, é o que dá origem a mal-entendidos sobre o Apocalipse, particularmente no nível popular, onde o Apocalipse é usado para fazer todo tipo de coisas estranhas.

Mas o que queremos fazer é brevemente, como uma espécie de ponto de entrada no Livro do Apocalipse, descrever brevemente estes três tipos literários, estes três gêneros literários. Novamente, o Apocalipse pretende claramente ser lido como uma

epístola ou como uma carta. Na verdade, quando você lê o começo, o primeiro capítulo, pelo menos começando com o versículo 4, parece que você está, de certa forma, lendo uma das cartas de Paulo.

Observe como no versículo 4, João, há a identificação do escritor, para as sete igrejas na província da Ásia, há a identificação dos leitores, graça e paz para vocês. Parece uma das cartas de Paulo. Mas observe como isso se expande.

Novamente, então eu gostaria, eu configuraria e prestaria atenção a isso. A graça e a paz, a parte da saudação é ampliada. Graça e paz para vocês da parte daquele que é, que era e que há de vir, e dos sete espíritos que estão diante do trono, e de Jesus Cristo, que é a testemunha fiel, o primogênito dentre os mortos e o governante dos reis da terra.

Àquele que nos ama e pelo seu sangue nos libertou dos nossos pecados e nos fez ser um reino de sacerdotes, para servir ao seu Deus e Pai, a ele seja glória para todo o sempre, glória e poder para todo o sempre. Amém. Então essa é a sua introdução epistolar, a saudação.

E observe também que Apocalipse termina como uma carta típica. Termina os versículos 20 e especialmente o 21. Amém, vem Senhor Jesus.

Versículo 21, a graça do Senhor Jesus esteja com o povo de Deus. Amém. Que é uma maneira comum de encontrar o final das cartas do Novo Testamento.

Portanto, o Apocalipse pretende claramente ser lido como uma carta. E não acho que isso seja inconsequente. Acho que é ilegítimo ignorar isso e ignorá-lo.

Mas segundo, observe que o autor claramente pretende ou indica claramente que pretende escrever uma profecia. Observe os primeiros versículos deste livro,

especialmente o versículo três. Bem-aventurado aquele que lê as palavras desta profecia e bem-aventurados aqueles que a ouvem e levam a sério o que nela está escrito, porque o tempo está próximo.

No capítulo 22 novamente, ele identificará o final do livro, tipo os finais do livro, bem no final do livro, ele identificará sua obra como uma profecia e alertará aqueles que ouvem as palavras desta profecia para não ignorá-las e desobedecer eles. E também em outro lugar no capítulo 22, identifica claramente isso como uma profecia. Assim, o livro da carta, o livro do Apocalipse, tem as características de início e fim da carta.

Indica a intenção de João de escrever uma carta a estas sete igrejas na Ásia Menor. Ele identifica claramente seu trabalho também como uma profecia. Mas o capítulo um no versículo um também indica a intenção de João de registrar outro tipo de literatura, ou seja ele começa dizendo a revelação ou apocalipse de Jesus Cristo, a palavra revelação aqui vem da palavra grega Apocalipse ou apocalipse, que Deus lhe deu para mostrar seus servos o que deve acontecer em breve.

Agora é desse versículo que tiramos o rótulo de um apocalipse de gênero literário. Duvido que João esteja usando uma revelação ou apocalipse aqui como um rótulo de um gênero literário que surgiu muito mais tarde. Mas, ao mesmo tempo, ao chamar isso de revelação de Jesus Cristo, que ele mostra aos profetas e a João, é evidente que João pretende que este livro pertença a um gênero literário de literatura revelatória.

Deve ser tomado como uma revelação, uma revelação divina de Deus a João. Mas à medida que você lê o resto do livro de Apocalipse, especialmente os capítulos 4 a 22, veremos em um momento que ele realmente contém a maioria das características típicas de um grupo de escritos que hoje rotulamos como apocalipse ou literatura apocalíptica. E começaremos com esse.

Começaremos a examinar o apocalipse do gênero literário. Novamente, apocalipse é o termo que usamos para descrever este grupo de escritos que compartilham características semelhantes aos quais Apocalipse parece pertencer e cujo nome deriva, na verdade, de Apocalipse capítulo 1 versículo 1, o apocalipse ou a revelação de Jesus Cristo. Mas só para você saber, apocalipse é um rótulo moderno.

Não é necessariamente aquele que foi usado por John e pelos primeiros escritores para rotular suas obras. No entanto, ao mesmo tempo, parece claramente haver um grupo de escritos que têm semelhanças e características reconhecíveis, e falaremos sobre o que são. Portanto, o primeiro tipo literário é o que é conhecido como apocalipse, ao qual o Apocalipse parece pertencer.

Novamente, apocalipse é um termo que usamos para descrever um grupo de escritos que foram produzidos aproximadamente durante o período de 200 AC a 200 DC. Obras como Daniel, o livro de Daniel no Antigo Testamento e o livro de Apocalipse no Novo Testamento. E, a propósito, muito do que vou dizer se aplicaria tanto a Daniel quanto ao livro de Apocalipse, uma vez que eles parecem compartilhar as mesmas características literárias e pertencer ao mesmo gênero literário.

Mas houve outros apocalipses judaicos e cristãos produzidos durante este período de aproximadamente 200 AC a 200 DC que não estão incluídos no Antigo Novo Testamento. Como já mencionei antes, você pode encontrar traduções para o inglês da maioria desses documentos coletados em uma obra de dois volumes de James Charlesworth chamada Pseudepigrapha do Antigo Testamento. O volume número um contém tradução para o inglês feita por uma variedade de estudiosos da maioria desses apocalipses, ou uma maneira mais fácil, se você quiser pesquisá-los no Google, digite o nome do apocalipse e poderá encontrar traduções para o inglês online.

Mas o que são apocalipses são basicamente relatos narrativos, relatos narrativos em primeira pessoa, da experiência visionária ou da experiência reveladora de um ser humano. E tendo tido essa experiência reveladora, agora eles fazem um relato narrativo ou um relato do que viram. Às vezes, essa experiência visionária assume a forma de um sonho.

Encontramos isso acontecendo em Daniel. Às vezes é um verdadeiro transporte visionário. A pessoa tem uma experiência em que é quase como se fosse uma experiência extracorpórea, onde é transportada pelo Espírito de Deus para determinados locais para ver coisas diferentes.

Tão comum por trás de tudo isso é algum tipo de experiência visionária onde eles veem coisas e agora as registram para essas visões para o benefício de seu público. As visões geralmente são visões do mundo celestial. Às vezes eles têm visões do céu ou do inferno, o local do julgamento.

Freqüentemente, essas também são visões de eventos escatológicos do fim dos tempos. Provavelmente a definição mais popular que encontrei, uma das mais úteis que encontrei, mas acho que ela se repete em quase todos os livros, quase todos os livros que tratam da literatura apocalíptica citam essa definição ou pelo menos a usam como um ponto de partida. Esta foi uma definição de um estudioso chamado John Collins, que trabalhou muito na literatura apocalíptica e definiu um apocalipse como isto.

Ele diz que um apocalipse é um gênero de literatura reveladora dentro de uma estrutura narrativa em que uma revelação é mediada por um ser de outro mundo, geralmente um anjo, a um destinatário humano, revelando uma realidade transcendente que é ao mesmo tempo temporal na medida em que prevê a salvação

escatológica e que é espacial na medida em que envolve outro mundo sobrenatural. Agora deixe-me descompactar esta definição novamente. Deixe-me dizer mais uma vez, já que a maioria de vocês está ouvindo isso.

Um apocalipse é um gênero de literatura reveladora, literatura que comunica uma revelação dentro de uma estrutura narrativa em que uma revelação é mediada por um ser de outro mundo, um ser angélico, para um destinatário humano revelando uma realidade transcendente que é ao mesmo tempo temporal na medida em que prevê escatológica salvação e é espacial na medida em que envolve outro mundo sobrenatural. Então deixe-me descompactar brevemente esta definição. Número um é que é importante entender nesta definição que um apocalipse é o registro de uma revelação a um destinatário humano.

Portanto, o destinatário humano seria, no nosso caso, João, mas seria o autor do apocalipse que tem uma experiência reveladora principalmente através da visão e agora a registra. Número dois, observe que é uma narrativa desse relato. Portanto, a literatura apocalíptica pode, em certo sentido, ser tratada como literatura narrativa.

É uma narração de algo que o autor vivenciou e viu através dessa revelação, dessa experiência reveladora. Uma terceira parte importante desta definição é que esta revelação trata principalmente de uma perspectiva transcendente. O que isso significa é que é principalmente uma revelação sobre algo que transcende o presente mundo terreno visível.

Então é uma espécie de experiência de outro mundo. Agora veremos que isso não significa que o autor não o faça, que este mundo não seja importante e seja uma espécie de fuga para uma realidade celestial e uma existência celestial. Não é bem isso, mas é a revelação de um mundo e de uma realidade que transcende o mundo físico que pode ser visto pelo olho humano.

E assim a única maneira apropriada para alguém conhecer esta realidade transcendente é tê-la revelada a ele ou ela. Portanto, o apocalipse trata de uma realidade transcendente. Fornece uma perspectiva transcendente ao abrir o leitor, o vidente, este receptor humano, ao abri-lo para esta realidade transcendente que, como veremos, pretende lançar uma nova perspectiva sobre a realidade física terrena que eles Moro em.

Portanto , não pretende ser um meio de fuga, mas sim abrir o seu mundo físico para ser compreendido à luz desta realidade transcendente, desta perspectiva transcendente que só pode ser conhecida através de uma revelação direta. Além de uma revelação e desta experiência visionária através deste outro ser sobrenatural, deste outro ser mundano, os destinatários humanos simplesmente não poderiam saber disso. Existem duas características dessa perspectiva transcendente.

Número um, nesta definição, muitas vezes é temporal. Ou seja, refere-se à escatologia ou ao fim do mundo. Em outras palavras, uma visão que transcende o tempo.

Vai além do seu tempo incluir temporalmente o fim escatológico, mas também é espacial no sentido de que a quinta coisa é que é espacial. Isto é, a visão, a perspectiva transcendente, é geralmente de um mundo celestial. Apresenta-lhes uma realidade celestial, um mundo celestial, novamente, um mundo que não poderia ser visto apenas pela percepção humana.

Então, novamente, o que isso significa é o fato de que é tanto temporal quanto espacial que os apocalipses não são apenas sobre o futuro. Muitas vezes lemos livros como Apocalipse ou Daniel apenas sobre eventos futuros, mas também para revelar uma realidade diferente, uma perspectiva diferente, um mundo celestial, uma

perspectiva diferente sobre a realidade e a vida. Falaremos mais sobre isso, mas duas outras coisas que quero acrescentar a esta definição de literatura apocalíptica são, antes de tudo, esta realidade transcendente que diz respeito temporalmente, sobre o futuro, mas também espacialmente, sobre o mundo celestial, é comunicado e expresso em linguagem altamente simbólica.

Se uma das coisas que você sabe ao ler os apocalipses é como eles se comunicam por meio de imagens muito gráficas. Muitas vezes eles usam imagens de animais. Frequentemente, eles usam imagens que às vezes são uma combinação de animais e coisas humanas e outras coisas que revelam símbolos um tanto bizarros, às vezes.

E o Apocalipse também comunica principalmente, talvez até uma das características que alguns pensam ser ainda mais prevalente no Apocalipse do que em outros apocalipses, seja a quantidade de simbolismo que se encontra nele. Por exemplo, este é o capítulo 9 de Apocalipse e os capítulos 8 e 9 são um relato em Apocalipse da visão do autor do derramamento de sete taças e à medida que cada taça é derramada na terra, algo acontece. E observe no capítulo 9, observe o que o autor vê de uma forma estranha, esta é a quinta taça que foi derramada, ou sinto muito, a quinta trombeta.

Eu tenho a trombeta e as taças. As tigelas vêm depois. Estas são as trombetas.

Quando a quinta trombeta soa no capítulo 9, algo acontece e esses gafanhotos saem e quero que você observe como ele descreve esses gafanhotos. Poderíamos falar sobre isso mais tarde, mas agora estou apenas interessado em que você veja o simbolismo e o tipo de natureza gráfica das imagens e como os símbolos às vezes são reunidos de maneiras, pelo menos para nós, que são meio que estranhos, embora possam não ter sido tão estranhos para os primeiros leitores. Mas no capítulo 9, o

quinto anjo tocou sua trombeta e eu vi uma estrela que havia caído do céu para a terra.

A estrela recebeu uma chave para o poço do abismo. Quando ele abriu o abismo, saiu fumaça dele, como a fumaça de uma fornalha gigantesca. O sol e os céus foram escurecidos pela fumaça do abismo e da fumaça gafanhotos desceram sobre a terra e receberam poder como o dos escorpiões da terra.

Foi-lhes dito que não prejudicassem a erva da terra, nem qualquer planta ou árvore, mas apenas aquelas pessoas que não tinham o selo de Deus na testa. Eles não receberam poder para matá-los, mas apenas torturá-los por cinco meses, o que foi, cinco meses foi, provavelmente o estilo de vida comum de um gafanhoto naquela época do primeiro século. E a agonia que sofreram foi como a picada de um escorpião.

Portanto, estes são gafanhotos que podem prejudicar as pessoas e picá-las da mesma forma que um escorpião. Deixe-me começar com o versículo sete, onde eles começam a ser descritos. Os gafanhotos parecem cavalos preparados para a batalha.

Agora você tem esses gafanhotos que parecem cavalos. Em suas cabeças eles usavam algo parecido com coroas de ouro e seus rostos pareciam rostos humanos. O cabelo deles era como o cabelo de uma mulher.

Seus dentes eram como dentes de leão. Eles tinham couraças como couraças de ferro e o som de suas asas era como o som de muitos cavalos e carruagens correndo para a batalha. Eles tinham caudas que picavam como escorpiões e em suas caudas tinham o poder de atormentar as pessoas por cinco meses.

E eles tinham um rei sobre eles, que era o anjo do abismo. Então aqui você tem John, John tendo uma visão desses gafanhotos, mas eles certamente são mais do que

gafanhotos. Eles têm caudas como as dos escorpiões que podem picar e causar danos.

Eles têm cabeças humanas com coroas e rosto de homem, mas cabelos de mulher e dentes de leão. Quero dizer, o que diabos é essa coisa que John está olhando? O que é isso que ele vê em sua visão? Mas o meu objetivo nesta fase da nossa discussão é simplesmente observar o simbolismo gráfico e a descrição dos símbolos e o que João vê na sua visão. Então você tem a terra, esta realidade transcendente do futuro escatológico, temporalmente, e também o mundo celestial é comunicado em linguagem altamente simbólica.

A segunda coisa que acrescentaria a esta definição é uma ênfase na função. A função dos apocalipses parece ser consolar e exortar o povo de Deus com base nesta perspectiva transcendente. Assim, ao fornecer uma perspectiva transcendente da realidade, um apocalipse é capaz de motivar os leitores à obediência a Deus e à sua palavra.

Funciona para consolar aqueles que estão sofrendo, mas também para exortar os leitores de Deus a alinhá-los com a forma como Deus deseja que seu povo viva. Então, em outras palavras, os apocalipses, mais uma vez, não existem apenas para especulação sobre o futuro e sobre o céu, embora às vezes alguns outros apocalipses possam envolver-se em algo disso, mas funcionam principalmente para exortar e consolar o povo de Deus. Eles têm um propósito exortativo.

Quando se trata de entender os apocalipses, olhando um pouco mais para essa ideia de uma perspectiva transcendente e o que um apocalipse como o Apocalipse faz, basicamente o que ele faz é funcionar para abrir o presente para essa perspectiva nova e transcendente. Ou seja, Apocalipse e outros apocalipses não pretendem ser apenas literatura de fantasia. Novamente, não foi feito para fornecer uma fuga.

Não é apenas uma maneira de escapar deste mundo, fornecendo esse tipo de mundo de fantasia alternativo celestial para o qual os leitores podem escapar. Mas, em vez disso, o objetivo é ajudar os leitores a ver o mundo atual sob uma nova luz. Ao olharem para fora, como fizeram muitos apocalipses, e como muitos apocalipses pressupuseram, enquanto os leitores olhavam para o seu mundo empírico, onde frequentemente se encontravam em situações de dominação estrangeira, onde alguns deles podem ser oprimidos pela dominação estrangeira, ou talvez alguns deles eram elites e comprometeram-se e participaram na influência estrangeira e no domínio estrangeiro, o que um apocalipse fez foi lançar uma perspectiva diferente no seu mundo empírico.

Ao olharem para isso, o que um apocalipse disse é que as coisas não são tudo o que parecem ser. O que você vê com os olhos no mundo físico, sob o governo estrangeiro, etc., tudo o que está acontecendo na situação deles, o que você vê é apenas parte da história. Isso não é tudo o que existe.

O que é um apocalipse é que existe uma realidade que está além do que você vê, mas que está relacionada a ele e o influencia, e o ajudará a vê-lo, a responder a ele e a viver nele sob uma nova luz. Uma revelação que só pode ser conhecida, ou sinto muito, uma realidade, uma perspectiva que só pode ser conhecida através de uma revelação divina. Então, novamente, um apocalipse revela uma realidade transcendente sobre o futuro e sobre o mundo celestial que molda a forma como o autor ou como os leitores devem olhar para o seu mundo presente.

Ao abrir o seu mundo presente que eles veem empiricamente e experimentam empiricamente, ao abri-lo para uma perspectiva transcendente, uma realidade celestial que está por trás dele, mas que o influencia, e um futuro que o leitor então é capaz de ver o seu presente em um novo luz. Costumo comparar isso a assistir a

uma peça. Se você já assistiu a uma peça ou apresentação, seja em uma escola ou de forma mais profissional, geralmente tudo o que você vê é o que está acontecendo no palco.

Você vê os atores atuando e interagindo entre si e assiste a história até o fim. Às vezes, o que você não vê é o que acontece por trás da cortina que faz a peça funcionar. Você não vê o gerente e os diretores de palco, não vê os técnicos fazendo a iluminação funcionar, e não vê o pessoal dos adereços e do figurino trabalhando para fazer a peça funcionar.

Tudo que você vê é a peça. Se você levantar a cortina para poder ver os bastidores dos bastidores, poderá encontrar tudo o que faz essa peça funcionar e tudo o que ajuda a dar sentido a essa peça. A peça pode ter sentido por si só, mas você verá o funcionamento que a faz funcionar e que a originou.

Apocalipse faz isso em certo sentido. Ele levanta a cortina por trás da história e da realidade terrena para expor você a uma realidade celestial e a um futuro que dá sentido ao que está acontecendo no presente. À luz deste conhecimento do mundo celestial e do futuro, que só é disponibilizado através de uma revelação divina, os leitores são agora capazes de ver a sua situação sob uma nova luz.

Novamente, empiricamente, o que eles veem no seu mundo não é tudo o que existe. Há outra realidade por trás disso que os ajuda a ver isso sob uma nova luz. Tanto Daniel como Apocalipse foram escritos no contexto da luta para viver a vida num ambiente pagão e sob um império pagão, onde alguns de facto estão a ser objecto de opressão e estão a sofrer, mas outros estão transigindo e dispostos a participar nessa dominação pagã. e império e sistema pagão.

O que Daniel e Apocalipse fazem então, o que fazem, é apresentar uma perspectiva transcendente, abrir a percepção do leitor para ver uma realidade celestial e um futuro que deve determinar a forma como eles respondem à sua situação no presente. Então é isso que um Apocalipse faz. Novamente, Apocalipse, presumo, está tentando ajudar os leitores que vivem no primeiro século, como demonstrarei mais tarde, vivendo neste império romano do primeiro século dominado por Roma.

Quando olham empiricamente, veem o imperador sentado no trono, veem a dominação romana, veem todas as coisas boas que Roma fez pelo mundo, mas João, no Apocalipse, diz: deixe-me mostrar-lhe outra perspectiva. Deixe-me fornecer uma perspectiva celestial e escatológica sobre o que você está vendo, para que seja capaz de responder a isso e viver sob uma nova luz. Como uma profecia, a segunda característica literária do Apocalipse sobre a qual não falaremos muito, discutimos a literatura profética em relação à profecia do Antigo Testamento, mas como uma profecia, o Apocalipse então, em linha com os profetas do Antigo Testamento, e quando se ler Apocalipse com atenção, João afirma escrever na tradição e em linha com as profecias do Antigo Testamento do passado, como Isaías, Ezequiel e Jeremias.

Ele retoma grande parte de seus escritos e agora os utiliza e integra em seu próprio trabalho. Assim, o Apocalipse como uma profecia, como os textos proféticos do Antigo Testamento, principalmente, presumo, é uma predição, ou uma revelação, e não apenas, ou não uma predição primariamente. Ou seja, o livro do Apocalipse como profecia é a proclamação de uma mensagem aos leitores modernos que os ajudará a lidar com a sua situação.

É um chamado para que as pessoas levem a sério seu relacionamento com Jesus Cristo e um chamado para que os leitores sigam Jesus Cristo, não importa quais sejam as consequências, e não apenas uma previsão de eventos que ocorrerão no

futuro. Qualquer abordagem do Apocalipse que comece com a perspectiva de que se trata de uma previsão de eventos futuros entendeu mal o seu tipo literário. É uma profecia.

Ou seja, é a proclamação de uma mensagem de Deus, de Jesus Cristo ao seu povo, para levá-los a seguir Jesus Cristo em obediência, independentemente das consequências. Então, é uma mensagem para a situação deles. Mas também, como os profetas do Antigo Testamento, é uma mensagem enraizada na história.

Novamente, isto não é literatura de fantasia, mas por mais que esteja enraizada na linguagem simbólica nesta perspectiva celestial, ainda é sobre a situação do leitor num determinado contexto histórico e situação histórica. Portanto, deveríamos esperar que Apocalipse se referisse a eventos reais, pessoas reais, lugares reais no primeiro século, mas também no futuro, por mais simbólica e metaforicamente que possam ser descritos. E por fim, já dissemos que o livro do Apocalipse também é uma carta.

Claramente começa como uma carta. Claramente termina como uma das cartas de Paulo. É até inteiramente possível, talvez o autor, dada a importância das cartas de Paulo na Ásia Menor e no mundo greco-romano do primeiro século, dada a importância das cartas de Paulo nas igrejas do primeiro século, talvez o autor esteja, em certo sentido, imitando Paulo em seu formato de carta pela importância que desempenhava.

Mas tendo dito isso, pelo menos o que isso significa como carta, se levarmos isso a sério como uma carta, e acho que deveríamos, isso significa que Apocalipse é tão ocasional quanto qualquer uma das cartas de Paulo. Isto é, devemos compreender o Apocalipse à luz do contexto histórico e do contexto histórico-cultural que fez com que esta carta fosse escrita, este apocalipse fosse registrado para os leitores.

Devemos lê-lo à luz dos problemas específicos que ele aborda, e devemos ver o Apocalipse como uma resposta a situações, circunstâncias e problemas muito específicos do primeiro século, tanto quanto as cartas de Paulo o foram, tanto quanto as cartas de Pedro. , ou tanto quanto a carta de Tiago.

Infelizmente, a maioria ignora esta característica do livro do Apocalipse que o enraíza no seu contexto histórico original, mas eu diria que precisamos de o levar a sério. Agora, o que isso significa para a interpretação do livro de Apocalipse? E só quero destacar alguns princípios que considero que surgem do gênero literário e que deveriam nos guiar em sua leitura, e muito do que vou dizer também se aplica ao único outro apocalipse canônico, e que é o livro de Daniel. E, a propósito, mais uma vez, como um aparte, sei que tenho muitos deles ao longo das palestras, mas, como outro aparte, é importante perceber que, embora possa haver outros livros no Novo e no Antigo Testamento que incluem livros apocalípticos tipo de linguagem, na verdade Daniel e Apocalipse são os únicos apocalipses verdadeiros que registram uma experiência visionária real de um leitor.

Outros lugares como Mateus 24 e 25, ou outros textos que são chamados de apocalípticos, em certo sentido não o são, porque não registram realmente a experiência visionária de um autor, embora possam incluir linguagem escatológica ou linguagem de tipo apocalíptico. Ezequiel é o outro texto que provavelmente se assemelha mais claramente a um apocalipse, especialmente os capítulos 40 a 48 que registram claramente a experiência visionária de um autor. O próprio João baseia-se fortemente em Ezequiel, provavelmente por esse motivo.

Mas muito do que vou dizer também pode ser aplicado a Daniel, mas será focado principalmente na interpretação do livro de Apocalipse. Mas a primeira coisa a notar que penso que emerge claramente do tipo de literatura que o Apocalipse é como um apocalipse, é que devemos estar alertas para o simbolismo do Apocalipse. Agora,

Apocalipse faz isso, e Daniel também, mas Apocalipse se refere, como dissemos, a eventos e pessoas reais.

Descreve eventos reais, eu diria, no primeiro século. Novamente, Apocalipse está tentando dar sentido à situação do leitor. Mas também se refere a acontecimentos reais que irão acontecer no futuro, especialmente no futuro escatológico, o encerramento da história.

Mas ao descrever eventos reais, descreve-os através de linguagem metafórica e simbólica. Não os descreve literalmente. Ler Apocalipse não é como assistir a um documentário da CNN ou da BBC sobre algum evento mundial.

Mas, em vez disso, é mais como olhar para uma pintura ou uma impressão artística. A revelação, novamente, se comunica simbolicamente. Refere-se a eventos reais, mas refere-se a esses eventos através de símbolos e imagens, não literalmente.

Provavelmente a analogia mais próxima, a analogia moderna, com o Apocalipse, e novamente, isso não é original para mim, encontrei-o em vários trabalhos, mas achei útil, isto é, comparar o Apocalipse a um cartoon político. Um cartoon político, se você já leu um, um cartoon político é um comentário e se refere a eventos históricos reais, eventos políticos e pessoas. Mas quando você lê um cartoon político, você notará que ele usa símbolos gráficos e imagens, e às vezes usa exagero e caricatura para transmitir seu ponto de vista.

Em vez de apenas um parágrafo de prosa, uma narração do que está acontecendo politicamente, uma descrição direta, um cartoon político é uma forma mais eficaz de transmitir uma certa perspectiva sobre a situação política. E às vezes as imagens são uniformes, às vezes, as imagens às vezes são imagens de banco de imagens que sabemos o que significam. Então, pelo menos nos Estados Unidos, no contexto dos

Estados Unidos da América e do seu sistema político, se você está lendo um cartoon político e vê uma águia, sabe que isso simboliza os Estados Unidos da América.

Se você vir um burro ou um elefante, eles não estão se referindo a animais literais, eles simbolizam dois partidos políticos, os Republicanos e os Democratas. Assim, e mesmo quando pessoas físicas são retratadas em cartoons políticos, muitas vezes são exageradas e caricaturadas, para que você entenda o que quero dizer e possa identificar quem elas são. Portanto, a questão sobre os cartoons políticos é que, embora se refiram a eventos históricos reais, coisas que acontecem na história e no tempo, o autor os descreve numa linguagem altamente gráfica e simbólica, para que você entenda o que quero dizer e o veja de uma forma nova. luz.

É isso que a revelação faz. Uma revelação, como um cartoon político, é um comentário sobre eventos históricos, coisas que acontecem no dia a dia do leitor e coisas que acontecerão no futuro, mas retratando-as em linguagem altamente gráfica e simbólica, para que os leitores entendam, para lançar uma nova luz sobre a situação, para afetá-los, não apenas intelectualmente, mas estética e emocionalmente, para que respondam de uma maneira diferente. Fui criado, então a revelação se comunica simbolicamente, isso é muito importante.

Fui criado no contexto que dizia: você precisa interpretar a revelação literalmente, a menos que haja realmente uma boa razão para não fazê-lo. Isso deveria ser invertido e, à luz do tipo de revelação literária, acho que é melhor, deveríamos interpretar a revelação simbolicamente, a menos que haja realmente uma boa razão para não fazê-lo. Então, em primeiro lugar, há a necessidade de enfrentar o simbolismo.

Em nossa próxima sessão, examinaremos isso com mais detalhes e daremos alguns exemplos e ilustrações de como a interpretação simbólica da revelação funcionaria, e como os símbolos funcionam, e o que eles fazem, e como devemos lê-los.